

Portugueses compram menos do que há cinco anos

e

Como ter acesso a fundos comunitários?

«Acesso a fundos comunitários – pergunte-nos como?» é o título da conferência onde serão debatidos temas como financiamento, novos investimentos e fundos comunitários, que terá lugar no auditório do Instituto Manuel Teixeira Gomes, em Portimão, hoje, 4 de junho, às 18 horas.

A conferência é aberta a todos os interessados, que podem discutir os temas expostos, e conta com a participação de cinco especialistas em gestão e investimento, que irão responder à questão proposta.

Ricardo Oliveira, professor do ISMAT e doutorado em Engenharia e Gestão, João Rosado, do Clube de Empresários de Portimão, Francisco Carriço, da empresa de consultoria e marketing Consulset, João Pires, da Business Angels Algarve, e um representante da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve são os oradores desta conferência, promovida pelos cursos de Gestão de Empresas e Contabilidade do ISMAT.

Consumidores portugueses são os europeus que mais reduziram a compra por impulso, indicando a crise económica como fator para essa mudança de comportamento

Cerca de 71 por cento dos consumidores portugueses dizem comprar menos agora do que há cinco anos, numa percentagem muito acima da média europeia (52 por cento). Os portugueses são também os consumidores europeus que mais afirmam ter reduzido as compras por impulso (74 por cento contra a média europeia de 56) e os que mais apontam a crise económica como fator para essa mudança de comportamento. Estas são as conclusões do mais recente estudo do Observador Cetelem que analisou a evolução do consumo na Europa nos últimos cinco anos.

Quando comparada com a situação vivida em 2010, a maioria dos portugueses diria que hoje compra menos

do que antes e apenas 15 por cento afirma comprar mais agora. Somente 38 por cento dos consumidores nacionais consideram que a sua forma de comprar mudou ao longo dos últimos cinco anos, bastante menos do que a média europeia, que se situa nos 62 pontos percentuais.

Uma grande fatia destes consumidores inquiridos reduziram as compras, desde 2010, devido a um declínio do poder de compra. A sua situação financeira (57 por cento) e a crise económica do país (55 por cento) são os fatores mais referidos para explicar a redução das compras. O estudo constatou mesmo que os portugueses são os europeus que mais apontam a crise económica como um dos principais ini-



bidores de consumo.

«Apesar de serem poucos os que consideram ter alterado o comportamento de compra, a verdade é que os portugueses colocaram um travão no consumo, confirmando a intensidade das restrições ao poder de compra com uma grande percentagem a confessar comprar menos do que há cinco anos. E é com o efei-

to da crise que os portugueses mais justificam esta evolução do consumo», afirma Diogo Lopes Pereira, diretor de marketing do Cetelem.

Para as análises e previsões deste estudo foram inquiridos 8719 europeus (pelo menos 500 pessoas por país, com mais de 18 anos) através da internet, em 12 países: Alemanha, Bélgica,

Espanha, França, Itália, Portugal, Reino Unido, Hungria, Polónia, República Checa, Eslováquia e Roménia. Os inquéritos foram realizados entre 4 de novembro e 2 de dezembro de 2014 pelo Observador Cetelem, em parceria com a sociedade de estudos e consultoria BIPE, com base num inquérito barométrico conduzido pela TNS Sofres.

Mercado imobiliário do Algarve anima em 2015

Os dados do Gabinete de Estudos da Associação dos Profissionais e Empresas de Mediação Imobiliária de Portugal (APEMIP) indicam que o primeiro trimestre deste ano, no mercado imobiliário português, segue a tendência positiva de 2014, com maior registo no mercado de compra/venda. No distrito de Faro, o concelho mais pesquisado

foi o de Loulé, com 22,87 por cento, enquanto Tavira ficou em segundo, com 14,67 pontos percentuais das pesquisas realizadas.

Para Luís Lima, presidente da APEMIP, «este fenómeno justifica-se pela melhoria da economia portuguesa que, apesar de lenta, confere ao mercado de consumo uma maior confiança para inves-

timentos tão importantes como é a compra de casa. Este fator, aliado à contaminação positiva do mercado interno pela crescente procura internacional e à retoma da atribuição de crédito à habitação por parte das instituições bancárias, faz com que os portugueses tornem a olhar para a aquisição como um bom investimento. Por outro

lado, os preços do arrendamento continuam a não ser competitivos quando comparados com o valor da prestação de crédito à habitação».

Nas pesquisas efetuadas no portal CasaYES, no primeiro trimestre deste ano, a procura direcionada para o arrendamento foi de 39,6 por cento, para valores inferiores a 300 euros, de 38,1 entre

300 e 500 euros e de 13,1 por cento nas casas entre 500 a 750 euros. No entanto, a oferta de casas inferiores a 300 euros é de apenas 19,8 pontos, sendo superior apenas nas casas entre 300 e 500 euros, com 41,3 por cento, e entre 500 e 750 euros, com 15,3 pontos.

Apesar dos diversos obstáculos, como a restrição na

concessão de crédito à habitação e instabilidade no mercado de trabalho, que fazem com que os profissionais do imobiliário tenham avaliado a atividade como pouco estável neste trimestre, o presidente da APEMIP afirma que o futuro do setor deve ser delineado sobre as boas práticas aprendidas neste período de recessão.